

Paulo Osorio

Aguilhadás

Publicação mensal
de critica á arte, á politica e aos costumes

N.º 4—Setembro de 1903

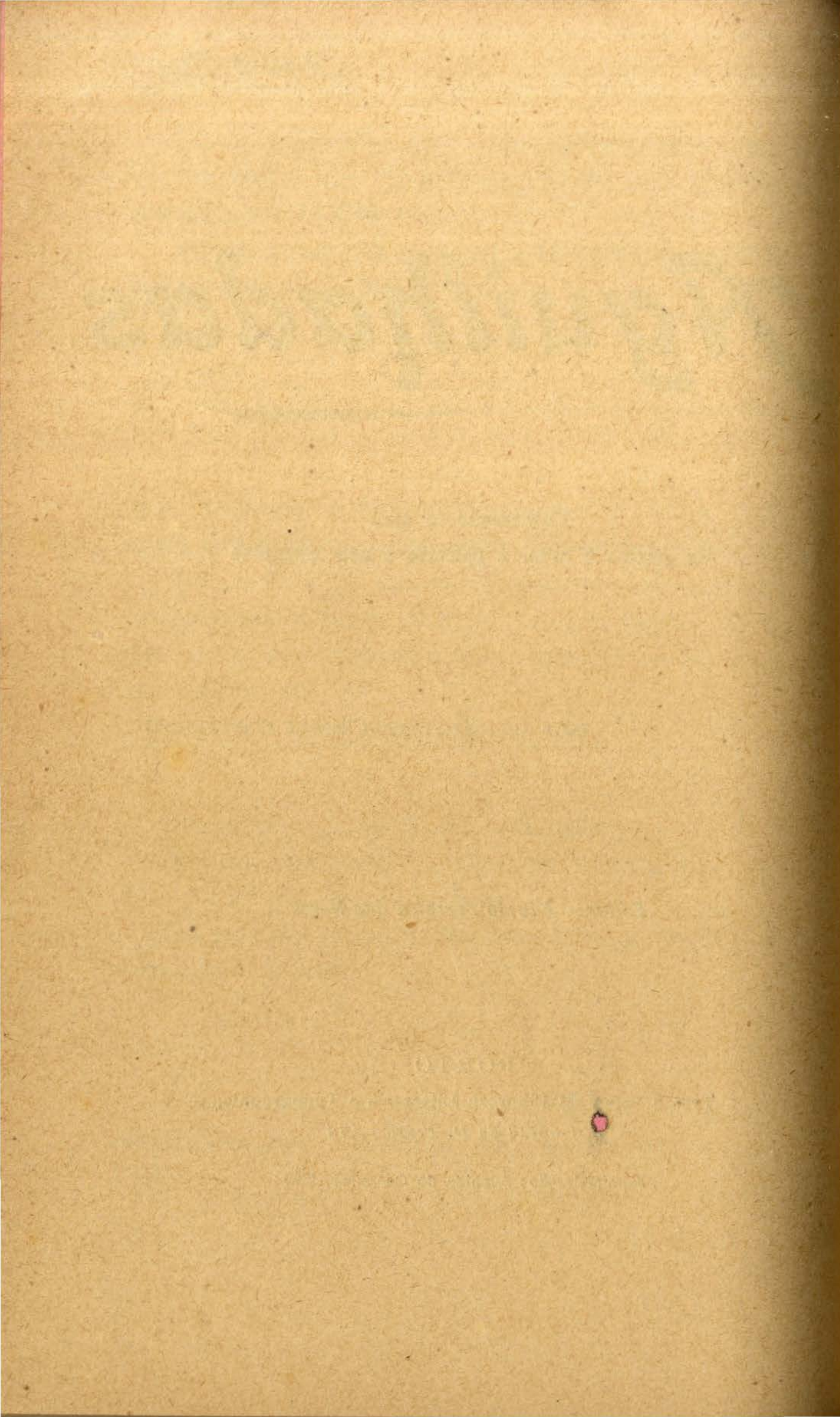
Editor—Alberto Ferreira das Neves

PORTO

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178—*Rua de D. Pedro*—184

Administração: Avenida de Carreiros, 250



PAULO OSORIO

AGUILHADAS

N.º 4 — SETEMBRO DE 1903

Summario

Coisas portuguezas. O concurso de livros primarios. As ovelhinhas do sr. Abel Andrade. Succinto perfil do mencionado pastor e qualidade ralhosa das ditas ovelhinhas. A origem da questão. O analphabetismo e os dirigentes. Os discipulos dos jesuitas e a figura de rethorica da representação nacional. Falta de respeito da Gloria ao nobre presidente do conselho. A mingoada razão de ser d'este concurso. Os humoristas da commissão e a piada da folba official, mais as provaveis consequencias d'esse esta lo de coisas. A futura formula d'um despacho e um artigo de João Braz d'aqui a tempos. Opiniões de Calino e do amigo Banana sobre os livros apresentados, seguidos de um naco de prosa dos mesmos respeitaveis senhores. A habilidade official e a pouca vergonha correlativa.—Singularidades d'um ministro loiro.

ENTRE os acanhados elogios de amigos e conniventes, os protestos de candidas creaturas e a indifferença vulgar da maior parte, encerrou os seus trabalhos a commissão nomeada para dar parecer sobre os livros de ensino primario apresentados a concurso ultimamente.

Os derradeiros documentos publicados na folha official, definindo com uma clareza absoluta o criterio dos julgadores e o logro em que se viu embarçada a boa fé ingenua dos vencidos, não lograram decerto surprehender aquelles que conhecem mais ou menos qual, de ha uns annos para cá, vem sendo o papel dos governos em todos os inadiaveis assuntos do ensino publico. As longas paginas aonde se arrasta n'um estylo sôrna, mas desastrado, manhosamente hypocrita, mas perdendo a cada passo o aprumo, estylo emfim, meus caros senhores, de jesuita em fralda de camisa, — uma exposição cheia de monotonia e desinteresse, eram decerto as que em boa logica se deveriam esperar da meia duzia de anodinas creaturas que o sr. Abel Andrade escolheu para conduzir a exito seguro, sem entraves de bom criterio, nem sobressaltos de consciencia perturbadores — o seu plano.

Atrás pois dos illustrados senhores Alfredo Filgueiras, Alipio Albano, Antonio Joaquim, Eugenio Rodrigues, Thiago dos Santos, Alfredo Francisco e José Gonçalves, que constituem, muito ufanos de si, a commissão, está a figura do sr. director geral de instrucção publica, e atrás d'este ainda, por sua vez maneja-o com os cordelinhos da astucia e da mentira, um regimen que tem na instrucção popular o unico inimigo terrorizante.

A pessoa do sr. Abel Andrade, que figura de az de trunfo em toda esta descabellada jogatina, é, por consequencia, para nós meramente secundaria e apenas nos póde interessar, fóra da questão especial de que se trata, como um typo de curioso destaque no meio da sociedade apodrecida do nosso tempo. É esse senhor de borla e capello coimbrão uma d'essas figuras que apparecem sempre nas ultimas crises das nações que pouco duram, subindo n'um instante sem ninguem saber porquê nem como, á mingoa de relevantes meritos que lhe outhorgue, e creando subitamente uma posição dominante, d'onde é lícito então liquidar velhos agravos e fazer sentir á larga esse auctoritarismo que está pronto a estalar em todo o bom portuguez, quer seja elle ministro d'estado, regedor, governador civil ou cabo d'ordens. O sr. Abel Andrade é d'esses que se sentem bem no commando d'uma geringonça sem concerto como a do Portugal d'hoje; representa

a facção opposta á d'aquelles ingenuos e idealistas a quem o spectaculo da nossa miseria, visto de cima, mais apavora e desanima. Oliveira Martins era dos ultimos, Bernardino Machado e Anselmo d'Andrade tambem o foram; o sr. Abel Andrade é agora director geral e será amanhã, ao primeiro ensejo, ministro de qualquer coisa, com a mesma serenidade de espirito e a mesma tranquilla quietitude de consciencia com que hoje desempenha as suas elevadas funcções de dirigente.

Mas, n'este caso, manda comtudo a verdade dizer que o sr. Andrade não é mais que uma manivela no transcendente machinismo governativo: uma manivela que encaixa primorosamente, attestando um optimo fabrico, lubrificada, resistente, que desempenha com esmero o seu papel e proveitosamente concorre para o funcionamento geral do aparelho. É isso apenas; e tal assente, seria injusto e perigoso attribuir a elle só tudo que de edificante existe na questão agora em foco: seria lisonjear, mentindo, a sua vaidade e não tardaria nada que o nosso homem todo fôsse pedir, á boca cheia, um titulo, uma pasta, um monumento.

A origem da questão vem de mais longe. Pode ir buscar-se, sem perigo d'erro, ao comêço da simulação do nosso liberalismo, quando se prin-

cupiou a comprehender que a democracia da cartã teria de ser sempre uma coisa sophismada por uma infinidade de systemas, nenhum dos quaes perfeitamente exequivel com uma instrucção publica perfeita.

A massa dos analphabetos não possue direitos, nem que os possuisse os saberia usar tambem; um povo que não sabe lêr não póde governar-se, e por força tem de entregar a direcção do seu destino na mão de aventureiros que o arruinam e o desprezam. O grosso da população portugueza é hoje constituido por analphabetos e burocratas, ao todo cerca de cinco milhões de bocas que se calam, de direitos que se não valem, de vontades aniquiladas pela ignorancia ou pela dependencia.

D'esse modo, a representação nacional que se inscreve nas leis do reino é nos comicios eleitoraes uma figura de rethorica e na sua realização pratica uma burla; comprehensivel se torna d'esse modo que os homens publicos se esforcem por manter isto assim para seus interesses, pelos mesmos processos porque outr'ora os jesuitas, por meio da ignorancia cultivada com cautela nas camadas baixas, conseguiram o estado de obediencia geral que estatuiam ás suas regras. É preciso que a gentalha meuda esteja humilde sob a pata do influente que, por sua vez, urge que fique lambendo as solas ao seu mandão graúdo, ministro ou grande homem, e que nunca, nem por sombras, suspeite a arraia vil que tem um querer que a lei

lhe aceita e lhe garante, que tem um voto que apenas é da sua consciencia, que pôde e deve impôr a sua vontade, porque Portugal é por lei uma monarchia constitucional — a forma theoreticamente mais democratica do governo d'um rei — e o absolutismo de meia duzia irresponsavel é peor mil vezes que o d'um só, seja quem fôr.

E é preciso tambem que a restricta minoria que tem o direito de pensar vá colhendo os fructos d'uma educação aniquiladora e deprimente e que as futuras gerações instruidas nada mais sejam que algumas centenas de pedantes mocinhos, apalermados por um ensino tolo, intellectualmente liquidados, moralmente corrompidos, physicamente deploraveis.

Educar o povo seria salvar Portugal. Mas o caso está em que Portugal não é precisamente o sr. Hintze, nem o sr. José Luciano, nem o sr. Abel Andrade . . .

A base de todo o ensino é a instrucção primaria; á sua descentralisação corresponde sempre o seu progresso: o actual governo, centralizando-a até ao grau mais alto, vibrou-lhe o golpe de morte.

E o sr. Hintze, que *A Tarde* compara a toda a gente grande de todas as epocas e de todos os tempos, ageita as lunetas, cofia as guias do bigode, espeta o chapéu armado, e pousa para a Gloria . . . Eu creio que s. ex.^a é myope bastante para não vêr essa pretendida dona lá ao longe

fazer aquelle sabido gesto que o sr. Candido de Figueiredo, no seu Diccionario, diz « que consistê em pôr um dos antebraços na curva interna do outro, oscillando com este e com a mão fechada, como que imitando jumento amangado. »

A questão dos livros deriva logicamente d'este estado de coisas.

Abolido na lei, com margem a abundiosos applausos, o regimen do livro unico, não se chega mesmo a perceber porque razão prevalece o concurso para a escolha d'um numero illimitado de compendios. Pareceria mais natural a creaturas de boa fé e sãoos principios que em qualquer epoca um auctor pudesse receber d'uma commissão permanente a approvação ou rejeição das suas obras. Assim, com o concurso triennial, chegam ainda as mesmas supra-mencionadas pessoas de boa fé e sãoos principios á candida conclusão de que á pedagogia nacional só de três em três annos é lícito progredir — e refiro-me a pessoas de tão ingenuos dotes, visto como as outras já devem ter concluido que o regimen do livro unico continuará vigorando com o disfarce idiota d'um concurso . . . para inglês vêr, e esse livro unico ha-de ficar até que mudem os ventos governativos ou a influencia do auctor perca o conceito.

A nossa litteratura pedagogica é, d'ora avante, coisa morta, o que sem duvida representa uma opti-

ma conquista na campanha do desenvolvimento da ignorancia nacional. As taes pessoas de boa-fé, se forem, por desgraça, auctores de livros, e livros bons, têm de marcar passo três annos para esbarrar com um concurso como o de agora, feito de tal modo que o Conselho Superior d'Instrucção Publica, á vista dos atropelos á lei, no seu desattendido parecer o repudia.

Teve coisas de grande interesse esse concurso, sobretudo agora que a commissão saltou para as columnas do *Diario do Governo* a defender-se em tom facêto. Pretendê ter espirito, botar piadas, e a tal ponto que, aberto o precedente, ninguem se espantará se amanhã o *Pimpão* apparecer em estylo de *Deus guarde* e a folha official inaugurar uma secção de enygmas só para homens, redigida por qualquer dos membros da commissão dos livros — á falta de melhor. Romperá a constitucionallissima folha em pandega rasgada, arrumará para o poento armazem de coisas velhas o sisudo e conselheiral estylo que usava e passará a fazer os seus avisos, as suas leis, os seus decretos, n'uma forma que, elucidando os interessados, pelo pintoresco recorte da phrase chame a curiosa attenção de todos mais.

Assim, se o sr. F. fôr nomeado administrador do seu concelho, já não sae alli pomposamente:

« F. — nomeado administrador do concelho tal e tal. »

mas antes alguma coisa n'este genero :

« Decididamente, o sr. F. é um felizão. Nasce-lhe ainda outro dia um robusto *bébé*, gordinho e féro, a senhora levanta-se, rija e valente, ainda não tinham passado os oito dias, logo depois a sogra rebenta d'um aneurisma e ainda por cima sae agora administrador. É o que lhes digo — administrador do concelho de tal, districto de tal, a abichar, conta redonda, ahi uns tantos mil reis em cada mês. Que pechincha, ein? O ministro secretario d'estado dos negocios do reino que bote lá isto aos livros e o collega dos arames que prepare o milho p'r'o sujeito. »

Em troca, João Braz escreverá no *Pimpão* artigos d'esta laia:

« Saibam todos quantos estes virem que os seis leitores do abaixo assignado residem por alturas de Cerva e de Mondim e que o já acima mencionado abaixo assignado encontrou ha coisa de vinte annos uns meliantes que o deixaram sem a quantia de vinte reis, moeda corrente. Outrosim faz publica a sua louvavel admiração pela Inglaterra e as relações intimas que o ligam ao philosopho Tiberio. O abaixo assignado, escriptor publico, solteiro, de maior idade, residente n'esta cidade, convida todos os seus conterraneos a admirá-lo com fervoroso entusiasmo, incorrendo nas penas da lei os que faltarem. »

Entrou o pagode rasgado nas regiões governativas; tudo leva pois a crer que Portugal ha-de estostrar a rir — como a Maria Rita.

Abriu pois a commissão um precedente que está destinado a fructificar em bellas coisas; resta saber a que preciosos conceitos ella ligou a maravilha d'uma forma de tamanha e tão frisante feição original.

Principie-se já agora por dizer que de relatório de tal forma e proporções avantajadas não sae bem a claro a opinião dos cavalheiros que representam o sr. Abel Andrade sobre o que devem ser os compendios nas escolas primarias, facto que, de resto, se comprehende por estas duas razões fundamentaes:

1.^a — a commissão não ter ideias nem opiniões sobre coisa alguma nem conseguir obtê-las do sr. Andrade, que não póde desperdiçar as que possui;

2.^a — dado mesmo que as tivesse, ser um peigo expô-las, pelo logico confronto em que haveriam de ser postas com os livros que suas excellencias approvaram.

Mas no trabalho da commissão ha varios aspectos indubitavelmente curiosos.

Em primeiro logar, só se comprehenderia que um livro fôsse rejeitado quando, pelo seu plano e pela sua execução, fôsse absolutamente improprio para o ensino. Lapsos de doutrina, erros de revisão, faltas realmente existentes ou que os sabichões da commissão julgassem como taes, seriam quando muito pretexto plausivel para uma approvaçãõ condicional, estatuindo-se que essa approvaçãõ

só se tornaria effectiva se o auctor consentisse em eliminar ou corrigir os pontos apontados. Ora a commissão, na grande maioria dos casos, foge de apreciar cada obra sob um ponto de vista amplo, de modo a, olhando-a d'alto e podendo assim apreciar bem o seu conjuncto, medir como orientação e factura geral o que ella vale. Limita-se lastimosamente a apontar erros, ou pretendidos erros, que colhe, aqui e além, na ancia de encontrar alguma coisa, sem attender a que a natural sequencia d'esse criterio seria que taes livros, eliminados que fôsem os defeitos apontados, se deveriam adoptar sem reluctancia, visto como as emendas os tornariam, ao juizo da propria commissão, outras tantas impecaveis obras-primas.

A ella mesma, á commissão, não lhe repugna de todo este modo de ver, comquanto em certos pontos procure fugir d'elle como d'um perigoso beco sem sahida, e é assim que, fallando de erros taes n'um livro que tinha outros de maior monta, não hesita em escrever que taes coisas, que amavelmente denomina *meras inadvertencias*, seriam *naturalmente corrigidas n'uma revisão de provas*. De modo que, achando n'essa altura uma simples inadvertencia susceptivel de emenda e não pesando por si só na rejeição d'uma obra o facto de n'ella se ler que «animaes quadrupedes são os que têm quatro patas; bipedes os que têm só duas», paginas volvidas, fulmina irremissivelmente um auctor porque, nas provas typographicas em que apre-

senta o seu trabalho, deixou passar a afirmação «qualquer das quatro faces d'um dado é um quadrado» sem ter riscado o *quatro* disparatado e pôr á margem — *seis*.

A commissão tem, além d'isso, opiniões interessantissimas. Assim, dizer para creanças que apenas têm de adquirir noções geraes, facilmente assimilaveis, embora um pouco grosseiras, livres da necessidade de comprehensões subtis e pretenciosas, que o *macaco é um quadrumano*, é para os sabios censores um grave erro, porquanto, diz a commissão, «hoje nenhum homem de sciencia ignora que o macaco não tem o pollex dos membros posteriores opposto aos outros dedos e que, portanto, não tem mãos nos membros posteriores, mas pés, embora prehensis,» maneira cautelosa de obstar a que alguém, á vista dos pollegares superiores de suas excellencias, tenha duvidas sobre o nome a dar á extremidade dos membros respectivos. Ensinar á creança, sem rigores scientificos, pedantes e grotescos para a sua idade, que a semente está dentro do fructo, é para a commissão outra tolice, porque a semente, sendo uma parte do fructo, não se pode dizer com correcção que esteja dentro d'elle. Escrever *acido carbonico* em vez de *anhydrido carbonico* é mais uma asneira de particular embirração dos doutos cavalleiros que por mais d'uma vez a mencionam com acerrima censura, fingindo desconhecer que na maioria dos livros de chimica, mesmo os mais

completos, as denominações *acido*, *anhydrido* e *gaz carbonico* se confundem, sem que d'ahi ainda resultasse que qualquer alumno tivesse deixado de saber que o *acido hydratado* é uma substancia diferente do *acido anhydro* ou *anhydrido*.

Tambem os censores parecem ter ideias especiaes sobre a fundação da monarchia portuguesa e o sabido condado portucalense, porque confusamente peguilham com mais d'um auctor n'esses assuntos e outrosim acham incorrecto que se compare a pharinge e o esophago a um funil, imagem aliás consagrada por todos os anatomicos.

Para fechar preciosamente o relato d'esta luminosa serie de faiscas que brotaram d'aquelle septetto de cerebros pedagogicos, nada melhor que transcrever um dos periodos do parecer, referente a um livro com noções de agricultura :

«Confirmando o seu primeiro parecer, aproveita (*a commissão*) a oportunidade para lembrar ao Governo de Vossa Magestade que, para obras como esta, não basta a rejeição.»

Já os senhores ficam prevenidos de que — mais dia, menos dia — o sr. Abel Andrade exige a forca.

Para encontrar erros em todos os livros rejeitados, alguns dos quaes, — posso garanti-lo porque os conheço — são perfeitamente modelares

e, attestandô mais uma vez o talento, a dedicação e a honestidade de trabalho de quem os fez, honram não só o ensino nacional como mesmo a pedagogia moderna,— para cobrir com o veu d'uma hypocrita justiça um escandalo inilludível, a commissão mutilou, desnorteou, desvirtuou, fingiu não comprehender a razão das coisas e poz-se, de evidente má-fé, a espiolhar, d'onde a onde, aquelles lapsos que em todo o livro escapam, nomeadamente quando esse livro foi feito, e até em alguns casos impresso, no maximo praso de seis mêses.

E tudo porque era forçoso afastar a concorrência, conseguir o mais completamente possivel o *livro unico*, soberbo negocio que, para mal do nosso ensino, traz a consequencia infeliz do *livro caro* quando, por mór desgraça, não traga tambem a consequencia mais lamentavel ainda do *livro mau*.

Interessante é ainda notar que o proprio parecer, tão cheio de emproadas censuras, não resistiria a uma analyse semelhante á que a commissão fez aos compendios submettidos ao seu criterio. Assim, sabem os senhores o que aconteceria a um auctor que apresentasse em qualquer livro o periodo seguinte, que, comtudo, é arrancado ao parecer da commissão :

« É assim, incluiria assumptos geographicos, principalmente de geographia de Portugal, dando a conhecer ao alumno que o seu paiz não se restringe á terra em que vive e aos seus arredores, e

que o territorio da sua nação e o dos outros paizes é que constituem o mundo;» sabem o que aconteceria ao infeliz auctor que tal fizesse?

Tinha logo pela proa um dos sabichões a perguntar-lhe se o mundo é apenas o nosso planeta e assim mesmo sem contar com a parte liquida, porque apenas do territorio das nações alli se falla. E vamos lá que d'esta vez tinha razão...

De tudo isto se conclue que os dirigentes, obstando por todos os meios, como é de seu interesse, ao desenvolvimento do ensino publico, procuram por outra banda explorá-lo com a negociata rendosa dos seus livros.

Haveria ainda a mencionar talvez a maneira inconcebivel como as formalidades da lei foram cumpridas; mas a tudo que sobre tal eu pudesse aqui dizer bem respondia, tapando-me a boca em cheio, aquelle período do ultimo parecer da comissão, que diz assim:

«O reclamante, pretendendo justificar-se com a «relativa vastidão do programma» mostra que o não conhece, ou então que o não interpreta nos *termos habeis* em que todos os diplomas legaes devem ser interpretados.»

O italico é meu, os «*termos habeis*» são d'elles, e a habilidade é aquella mesma que, de ha certo tempo para cá, vem servindo para capa de misericordia de toda a pouca-vergonha official.

POISAVAM os derradeiros raios do sol a orla amarellada do horizonte, trabalhadores voltavam da labuta do dia, as avesinhas tomavam o caminho do seu poiso nocturno, bojudos capitalistas expelliam o primeiro arrôto digestivo; a lua enorme, phenomenal, esbranquiçada, a lua que está de casa e pucarinho com o sr. E. A. Vidal, a meiga fascinadora dos bardos, promettia, olhando-nos de chapa, a poeira de luz d'aquella noite; a vida do Porto corria regularmente, sem entrave, sem transtorno, sem uma interrupção de corrente nos carros electricos, sem uma cheia no Douro, sem um deputado republicano, sem uma creatura da ponte abaixo; cada um dos seus habitantes absorvia oxygenio e exhalava gaz carbonico e vapor d'agua, nas proporções que o sr. conselheiro Ferreira da Silva lhe impõe nos seus compendios e uma precisão mathematica que os calculos do observatorio astronomico da Academia nunca lograram; era

*a ríba silenciosa ; a viração subtil ;
 a lua em pleno azul erguia o rosto ameno ;
 no ceu inteira paz, na terra pleno abril ;
 ... cedia a natureza, ao celestial lethargo,
 traziam meigos sons as virações do sul ;*

na *gare* de Campanhã iam e vinham carregadores e homens agaloados, ouvia-se o ruído das carretas e o arfar das locomotivas, — quando o rapido que tinha de receber em certa altura o nobre titular das obras publicas, ia a largar sem sabonete.

Quiz porém a Providencia que logo se dêsse pela falta do precioso auxiliar das abluções do illustre membro do governo e o *rapido* rapidamente se susteve, enquanto os empregados, n'uma desorientação explicavel, iam e vinham em azafama, á procura... do sabonete. Tudo findou em bem e o objecto, finamente aromatizado a lilás branco ou *peau d'espagne*, tomou o logar que lhe cumpria no lavatorio fadado pelo destino para despojar das materias extranhas que os seguidos apertos de mãos sobre ella accumulassem, a cutis das partes prehensis d'esse loiro condesinho de balladas romanticas que a sorte adversa atirou para o burborinho tão prosaico da arcada.

Logo vieram os jornaes d'esta boa terra em que tudo se malsína, lançar a nota do grotesco em facto de tal modo natural e comesinho. Alguns chegaram a achar insolito que um comboio estacasse sem mais nem menos, com panico para os passageiros, pela falta d'um sabonete. Ignoram

esses, pelo visto, os privilegios dos grandes a ponto de lhes parecer que, para bem da commo-
didade dos srs. Manoel Francisco ou Joaquim
Antonio, passageiros nervosos, se havia de privar
de um objecto de seu particular dispendio o dono
da mesma esvoejante cabecita loira que teve poi-
so nas regiões governativas da nossa terra.

Um republicano, — n'aquelle estylo de roupa
suja que elles usam, tresandando ao suor dos
opprimidos, que é muito sympathico mas fede —
falla d'um *rapido* cinco minutos parado por via
d'um naco de potassa.

Este desprêso pelo sabão n'uma terra em que
os grandes homens geralmente se não lavam e o
poeta Joaquim d'Araujo se deu bem por muitos
annos, é perfeitamente natural, mas comtudo sem-
pre seria bom saber se o artigoleiro fallaria do
mesmo modo se esquecessem as ceroilas ao sr.
Magalhães Lima no expresso em que elle fôsse
para a Revolução. Á primeira descarga, o illus-
tre chefe democrata seria um homem morto, do
mesmo modo que, ao primeiro aperto de mão, o
sr. de Paçô seria um conde sujo.

Porque eu julgo que os senhores estão a ver
n'uma estação do precurso, um grupo de influen-
tes, presididos pelo regedor, chegar junto á porti-
nhola do vagão do nobre conde e logo o presi-
dente, que ás funcções administrativas reune o
mistér de taberneiro, estender para o titular a
mão collossa e rude :

— Venham d'ahi esses ossos e olhe lá não roa a corda!

E a mão esculpturalmente feita, mão talhada para heraldicos anneis e joias finas, mão aristocratica da brancura do lyrio e veias azuladas, estender-se-hia tremendo para a manapola monumental do influente. Que tormento depois para o loiro sr. conde ir até Lisboa com aquella extremidade do membro superior cheirando a plebe e sentir o horrivel aroma ao assoar-se, ao acariciar o seu bigode fino, ao levantar a mão para um cumprimento, — elle que só aspira os subtis perfumes raros que estonteiam nas alcovas e fazem sua vista, rotulados a oiro, no *boudoir*!

Mas na attitude extranha da imprensa n'este caso ha ainda a considerar um outro aspecto: ella denuncia o inveterado horror pela hygiene que ainda faz da nossa terra uma estancia de verão para pestes varias. Se, em vez do sabonete, tivesse esquecido ao sr. conde outra coisa menos comprovativa do seu aceio — o pente dos bichos, por exemplo — os mesmos plumitivos que n'este momento se riem d'elle haviam de achar o caso natural e correriam ao vagão de s. ex.^a a offerecerem-se amavelmente para catá-lo.

A imprensa, de resto, representa o publico e o publico sabido é que se não lava.

Ha uns bons trinta annos, Ramalho — que ainda n'esse tempo não jantava com o Rei nem se entendia com o Papa — apresentou á multidão

atonita as vantagens sem fim do banho frio. Um arrepio dorsal correu a espinha publica e damas, cavalheiros, creanças e soldados, todos á uma, murmuraram que o dianho do homem não era de carne e ôsso «como nós.» A mocidade revolucionaria, sedenta de ideias novas, ainda chegou a metter um pé na tina fria, mas retirou-o n'um instante e foi friccióná-lo com arnica para vir a reacção confirmativa de ter passado o perigo da aventura.

O intento era baldado, desde que Portugal possuia, como possue, o seu methodo proprio, de tradicção, authenticamente seu, de cuidar com desvello a hygiene individual. Esse methodo é, como se comprehende, susceptivel de variações, segundo a multiformidade de temperamentos, mas o typo que mais geralmente se pôde fixar consiste n'isto :

Rapar o estercó do corpo com as unhas, auxiliando o trabalho com saliva nas partes endurecidas pelo contacto do ar, fazer bolinhas e deitar fóra; occupar o espaço vago junto ao sabugo com ramela; ligeiramente correr, ainda com as unhas, a superficie muito suja dos incisivos; fazer a extracção do producto total com a ponta afiada dos caninos — e cuspir. Aos domingos e dias santificados, esmiuçar a operação na sola dos pés, vestir roupa lavada, tirar a caspa com os dedos, catar-se o melhor possivel e acumular cerumen n'um palito. No tempo proprio, os banhos

do mar põem em dia a tarefa ás vezes descuidada e dispensam por completo tanta mirucia arreliante.

Um publico que assim se trata, decerto ha-de achar extranha a necessidade que um ministro conde tem de sabonete, e d'ahi apparece como perfeitamente logica e consequente a indignação dos passageiros do *rapido* e a attitude quasi hostil da nossa imprensa.

Ah! Civilisação, como és formosa — sobretudo assim, vista de longe!

Outro caso succedido com o sr. ministro e que as gazetas de maus instinctos egualmente aproveitaram para a sua má-lingua arreliante, foi aquelle de o illustre dirigente ter mandado suspender a encarregada d'uma estação telegrapho-postal ahi de fóra, que o não reconheceu. S. ex.^a apresentou-lhe um telegramma e sahiu; a mulherzinha disse a alguém que fôsse atrás d'elle, perguntar como era aquillo, e vae o sr. conde mandou suspender a irreverente.

N'um paiz em que o respeito aos poderes publicos é, em toda a linha, uma palavra vã, torna-se natural que o procedimento de s. ex.^a mereça censuras dos órgãos da opinião, e comtudo a sua conducta mostra a firmeza e a energia que muitos se recusavam a attribuir-lhe quando Sua Mage-

tade houve por bem chamá-lo a cooperar na gerencia dos negocios publicos.

O Estado em que as auctoridades, pequenas ou grandes, não merecem respeitoso acatamento e timidas deferencias tributadas com amor e humildade, o Estado em que a obediencia aos altos cargos se substituiu por uma especie de camaradagem vexante e irreverente, cahiu n'um regimen de anarchia, cheio de perigos e contingencias deploraveis. Obstar a isso é um estricto dever dos governantes, e n'este caso o sr. conde rigorosamente o cumpriu, com margem aos mais imparciaes e rasgados elogios.

Ámanhã, quando aquella mulher, privada do seu ordenado, sem outro ganha-pão, carpir em casa a sua miseria nõ meio dos filhos que lhe pedem de comer, saberá, entre lagrimas de amargura, dar-lhes esta proveitosa lição moral:

— Se um dia virdes um senhor muito janota e muito loiro, de cravo na botoeira, com um ar de feliz da vida e a cabecita agitando-se n'uma alegria que com elle veio ao mundo, ajoelhae, desbarretae-vos, pedi-lhe a benção como a vosso pae que Deus haja, ao vosso padrinho e ao sr. padre prior, perguntae-lhe se elle quer limpar ás mangas dos vossos casacos rôtos a poeira dos seus sapatos finos e, quer elle diga que sim ou que não, agradecei-lhe: porque elle é o sr. ministro que a um aceno vos pode mandar para a cadeia, ou deixar-vos para ahi a passar fome, porque elle

vive lá em Lisboa e falla com o Rei e em duas palavras, para mais gratuitas, pode mandar-vos pelos fios a sentença de morte.

— Mas então não tem coração, esse senhor? dirá a tremer um dos pequenos.

— Não digas isso, que se pode ouvir e é um crime: gente n'aquella altura é coisa que não tem nem pode ter: n'elles só deve haver a energia, a força de vontade, o rigor severo da lei e da justiça; coração tinha aquella mulher nossa vizinha que hontem nos trouxe aqui uma tigela do seu caldô de pobre; homens como o sr. ministro, se acaso nasceram com elle, quando chegam, mercê de Deus, áquella altura, dão-n'o ao secretario para vender brochado a dez tostões. Aprendei, filhos, a serdes obedientes: não ha lei melhor na vida para quem nasceu humilde como vós.

Poetas românticos talvez se commovam com estas coisas, mas, no fim de contas, não é o sentimentalismo que governa os povos e d'aquella conversa de mãe e filhos sahirá o germen de meia duzia de cidadãos de molde a não pôr entraves na marcha regular da ordem publica. É isto, meus caros senhores periodiqueiros, o que vossas excellencias não viram quando, na febre de dizer mal, lançaram ao papel os seus *suellos*.

Os senhores o que não estão é habituados a lidar com gente de certa ordem. Metteram-lhes na cabeça em pequeninos que houve um rei D. Pedro v que visitava presos e doentes nas enxo-

vias e hospitaes e que ministros sem linha tem havido que não desdenham apertar a mão do povo, coisas que os prejudicam aos senhores e não os deixam avaliar criteriosamente factos como o agora acontecido, no dizer das folhas, com s. ex.^a o sr. ministro das obras publicas.

Isto, lá fóra, vê-se a cada passo.

As *Aguilhadas* apparecem em volumes de 24 paginas, ao preço avulso de 50 reis.

Assignatura annual (pagamento adeantado) 500 reis.

São depositarios d'esta publicação :

No sul do paiz : Gomes de Carvalho — 158,
Rua da Prata, 160 — Lisboa.

No norte : Arnaldo Soares — Praça de D. Pedro, 137 — Porto.

Toda a correspondencia deve ser enviada á
administração : Avenida de Carreiros, 250 —
Porto.

PAULO OSORIO

Historia d'um morto

(CONTO)

No 3 n.º das *Aguilhadas*.

Um vol. de 32 pag.— 50 reis